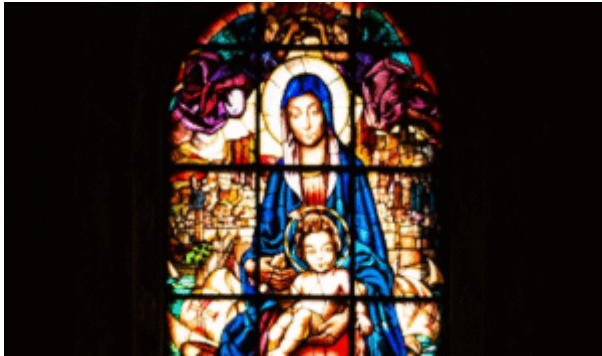


De um apócrifo Evangelho de Maria



Por **MASSIMO CACCIARI***

Longe de ser a Grande Mãe arquetípica, Maria encarna o corte teológico que inaugura uma nova era – não a submissa, mas a co-herdeira que redime ao tornar-se órfã com o Filho

Anúncio do Anjo: “Maria, o Pai está cansado de tanta solidão – e ainda mais de filhos de cabeça dura. Ele deseja gerar um Filho todo seu, de se transpassar nele. Mas para isto precisava de ti, Maria. Precisava que tu também o queira. Seja sua herdeira junto ao Menino que tu darás a Ele. Dê esta bela morte, Maria”.

Maria consente, assim como seu Filho consentirá, com a mesma liberdade, no Jardim do Getsêmani. Um duplo e inseparável Sim.

Em toda parte, na sua época, havia imagens devotas da *Mater Matuta* [Mãe matuta].^[i] Maria nunca se refletiu nelas. Ela não é a Mãe submetida ao ciclo perene de renascimentos como a Grande Mãe, mas a criadora de uma nova Era, a encarnação de um novo destino. O poder de sua imagem se eleva além “das mil virgens e mães do sincretismo, de Ísis, Tanit, Cibele e Deméter (...) Ao dar à luz o Redentor, é precisamente ela quem redimiu o mundo”.^[ii]

Maravilha-*thauma* [espanto maravilhoso]: o Pai depositou nas mãos desta *pobre Puer* [pobre Criança]. Tudo nas mãos daquele que se entrega, que bebe o cálice da sua vontade de se entregar, que recusa todo o poder. De *kenosis* a *kenosis*.^[iii]

E nesta sequência kenótica está, ao centro, Maria.

Maria cai aos pés da Cruz; somente esta queda eleva.

O Pai o escolheu herdeiro – mas como herdar se não se tornou, primeiro, órfão? Assim nos aparecem em tantas imagens, perfeitamente sós, Mãe e Filho. Abandonados. “Por que nos abandonaste, Senhor?” Todavia, nos ícones em que eles aparecem, a pergunta não se trata de um grito. O mais doloroso dos silêncios o diz. Assim, na *Madonna* [Nossa Senhora] com o Menino, a *Madonna grega* de Bellini, com o Menino quem quase não contém suas lágrimas, ou na extraordinária *Lamentação*, em que a Mãe, desgastada pelos anos e pelas dores, abraça o Filho, bochecha com bochecha, na mesma pose dos mais doces ícones.

Trindade é a relação entre os Dois [Mãe e Filho] e dentre ambos com o Espírito que a eles dá força para invocar o Ausente [Deus]. Porque vem em Seu nome, ninguém os escuta. Trazer o Céu para dentro dos muros da mais humilde igreja, esta é aspiração da arquitetura bizantina.^[iv] Assim, o Beato Angelico^[v] introduz a figura de Maria na cela de São Marcos. *Aurora consurgens* [Aurora que se ergue] da perfeita *humilitas* [humildade].



Giovanni Bellini, "Madonna greca", 1460-1470, Milano, Pinacoteca di Brera



Giovanni Bellini, Compianto (o Cristo morto sorretto da Maria e Giovanni), 1465-1470, Milano, Pinacoteca di Brera.

a terra é redonda

A Encarnação é a realização do Amor divino (Baader). O Filho não é concebível se não em um com a mulher. Por isto, ele é sempre o noivo dela. A mulher o considera. A voz que os une é o *Cântico dos Cânticos*, em cada imagem deles, em cada momento da sua vida, até à própria cruz e à deposição. Ouvimos o grande Coro das Mulheres na Deposição de Santa Felicidade, acompanhadas apenas por João, com Nicodemos, o velho, relegado a um canto escondido, ou, ainda, de Pontormo, a *Visitação* de Carmignano:[\[vi\]](#) o ventre das mulheres, qualquer que seja a sua idade, é o único lugar onde se guarda o mistério. O seu ventre o *matura* [amadurece] em si, consciente, até o revelar.

A ligação entre maria e o filho é a videira, a imagem da árvore da vida.

Maria não promete salvar, mas acolhe sob o seu manto quem é peregrino *in hoc saeculo* [neste tempo mundano], para que lhe seja dado mais tempo para ouvir a voz que o chama. Ela guarda o tempo que resta e não se questiona sobre quanto tempo isso será. Ela é uma figura de paciência. Enquanto isso, ela dá abrigo; é um porto para o “navio dos loucos”[\[vii\]](#).

Não retém, não obriga a ficar. Consola? Talvez também, mas não é essa a sua característica essencial. O olhar da Nossa Senhora da Misericórdia é severo. Ela conhece bem a natureza daqueles que protege sob a sua tenda, sabe que a oração que agora lhe dirigem dura apenas um suspiro. Iria protegê-los mesmo que não houvesse esperança de que fossem salvos.

Ela intercede por todos? Ela quer salvar todos? E isso não é possível? São Bernardo aposta que sim, ela tem esse poder. Que o seu amor tenha valido tanto no caso de Dante, antecipando o mesmo “pedido” (*Paraíso*, XXXIII, 18),[\[viii\]](#) significa que ela sempre pode fazer o que quer, ou apenas que ela sempre gostaria de salvar todos os miseráveis? A ideia de predestinação é, de qualquer forma, *radictus* [radicalmente] posta em dúvida, se não negada, por todas as imagens de Maria.

Mas não como a de Michelangelo no *Giudizio* [Juízo Final]. É claro que o Cristo juiz, em seu corpo glorioso e com seu gesto, também acolhe – mas, ao mesmo tempo, rejeita, separa. É um verdadeiro Juiz: ele de-cide.[\[ix\]](#) A Mãe, aos seus pés mais do que ao seu lado, está recolhida numa pose de silenciosa contenção. Até o seu simples papel de intercessão parece se empalidecer. Impossível, porém, imaginá-la com a mão direita estendida para cima, impondo o fatal “deixai toda a esperança”.[\[x\]](#)

Porta Caeli [Porta do Céu] – fechada também para ela, então, mesmo para a sua oração? Nem mesmo Maria sabe se a ela será aberta? Ou será que a sua eloquência silenciosa quer nos dizer que a Porta está sempre aberta, e que ela apenas ignora se seremos pacientes o suficiente para esperar o tempo necessário – cuja medida ninguém conhece, pois não existe medida – para atravessar o seu limiar *[soglia]*?

Nenhuma palavra do Evangelho conseguiu descrever a Assunção em seu aspecto mais dramático. Os apócrifos falaram do *transitus* [trânsito da ascensão], com os apóstolos reunidos à sua volta numa nuvem, vindos de todos os lugares onde pregavam. Os anjos entoam o Cântico dos Cânticos e os apóstolos caem diante da *claritas* [brilho] do corpo de Maria assumido ao Paraíso, como quando Cristo se transfigurou no Monte Tabor.[\[xi\]](#)

O amor a leva para lá, como ela o acolheu aqui embaixo. Mas o que acontece na terra? Uma agitação tremenda toma conta dos que ficam. Se fosse abandono? Será que o grito da nona hora se repetirá para nós? Quem pode excluir essa possibilidade? Ela se eleva, certamente, diante dos nossos olhos. Agitamos os braços em direção a ela, seguimos com o olhar o seu voo, mas não podemos detê-la. Ela vai *ad sidera* [para o alto, às estrelas], e a nós resta apenas *de-siderá-la*.[\[xii\]](#) Somos obrigados a *de-sistir* de *con-siderá-la*, de poder vê-la aqui entre nós, presente.

O desejo e o arrependimento abalam as figuras daqueles que terão de viver o tempo que resta, como se o momento supremo da Assunção lançasse uma sombra de dúvida e de angústia sobre a imagem daquela Misericordiosa que nos guardava sob o seu manto. O Ticiano da Assunção dos Frari viu este drama – e, no entanto, é precisamente ele que nos remete mais uma vez para todos os rostos de Maria: meditativa, *in dubio* [em dúvida], lacrimosa e, no entanto, sempre *hilaris* [alegre], como não pode deixar de ser o céu do amor perfeitamente gratuito.



Tiziano, Assunta, 1516-1518, Venezia, chiesa di Santa Maria Gloriosa dei Frari.

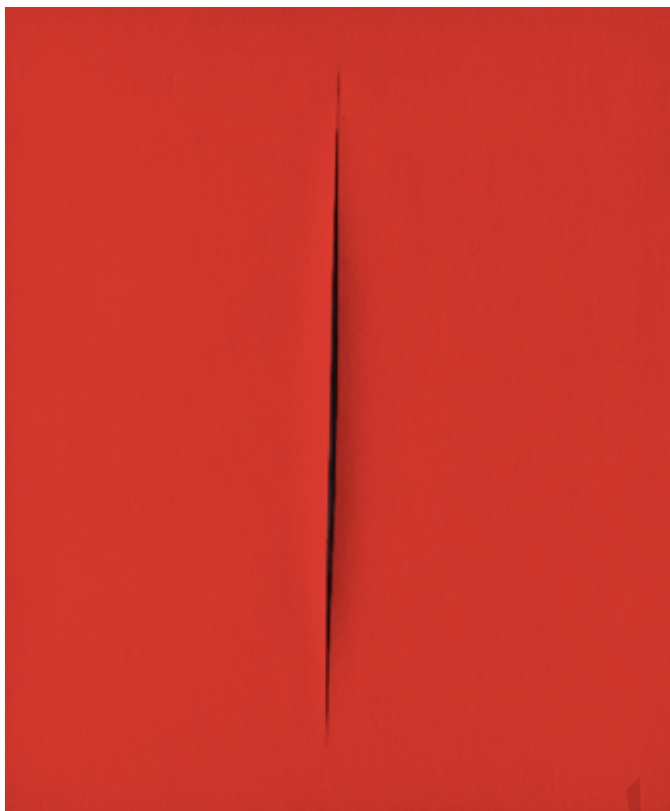
Silenciosa eloquência de Maria. Os sumos não falam. Nem Francisco nem Domenico falam em Dante. E Maria também não fala. A eloquência da escuta. Por que não falam? Porque sabem que o *lógos* não é a *Arché*; [\[xiii\]](#) Princípio do *lógos* não é o *lógos*, mas algo maior (Aristóteles, *Ética a Eudemos*).

A eloquência silenciosa é também a do “corte” da vestimenta sobre a qual repousa, indicando-o e protegendo-o, ao mesmo tempo, a sua mão direita. Talvez fosse precisamente isso que a atenção profana de um artista contemporâneo quis recordar?

***Massimo Cacciari** é professor emérito da Faculdade de Filosofia da Universidade San Raffaele de Milão.

Tradução: Ricardo Evandro S. Martins

Publicado originalmente em *La Passione secondo Maria*.



Lucio Fontana, Concetto spaziale rosso – Attesa, 1965, coll. priv.

Notas

[i] Mãe Natureza, da floresta, divindade feminina e materna ligada às culturas agrárias e pagãs. Nota do Tradutor.

[ii] Spengler, Oswald. *Il tramonto dell'Occidente*. Milano, Longanesi, 1957, p. 1000. Nota do Autor.

[iii] *Kenosis* é uma palavra grega, cujo sentido teológico poderia ser o do esvaziamento de si, da própria renúncia divina, quando Deus encarna, esvai-se de certo modo de certa medida divina, despojando-se de si. Nota do Tradutor.

[iv] Ch. Smic. *La vitad elle imagine*. Milano, Adelphi, 2017, p. 129. Nota do Autor.

[v] Pintor italiano do século XIV. Nota do Tradutor.

[vi] Pintura de Jacopo Pontormo, de 1528-1530. Está na Igreja dos Santos Miguel e Francisco, em Carmignano.

[vii] Talvez uma referência à famosa obra de Bosch, referida por Michel Foucault em *História da loucura*.

[viii] “mas muitas vezes/ espontaneamente se antecipa ao pedido” (*ma molte fiate/ liberamente al dimandar precorre v.* 17-8), trecho de *A divina comédia*, de Dante Alighieri.

[ix] O termo “decide” está analisado etimologicamente para revelar a ideia de que “decidir”, tomar uma “decisão”, é também produzir uma “cisão”, uma separação, “de-cidir”.

a terra é redonda

[x] Passagem da *Divina comédia* de Dante.

[xi] Passagem da transfiguração de Cristo, em Marcos, 9, 2-10; Mateus 17, 1-9; Lucas 9, 28-36.

[xii] Cacciari está fazendo um jogo de palavras com a expressão latina *ad sidera* e com as palavras “de-siderar”, no sentido de retirar do alto, do Céu, das estrelas, aproximando Maria de nós, além de “con-siderar”, no sentido de “siderar junto”.

[xiii] Das palavras gregas referentes, primeiramente quanto *lógos*, ao *Verbum* do *Gênesis*, ou no sentido de “discurso”, ou, até mesmo, linguagem; depois, quanto à palavra *Arché*, que pode significar tanto “princípio”, “começo”, como “princípio regente”, o qual se atualiza no presente. Nota do Tradutor.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)